

GAZETA DE NOTICIAS

A CATAPÊÇA DE UM BARRETEIRO

Romance-revista, místico-fantástico, arranjado
pelo pé para a mão, pelo Zé Daniel,
e iluminado da mão para o pé, pelo Hasto



PROLOGO

COMO UM CARRUHO DE SAPARUA NON
SIGNIV DE MASH PARA GRANDES
E MARAVILHOSOS ACUNTCEMINTOS

Decididamente, andava calpura o co
mmandador bacharel Sebastião Brasil
Santa Cruz.

A todas as phrases amorosas que
dirigia á petulante, fantasiosa e trave
D. Republica Democratica do Amor
Poros, respondia ella com um micheu
quando não fazia com uma gargalha
estridente, que parecia dizer em tod
sua escala de sonoridades:

— Ora vá pentear macacos!

O que mais o arrufava, era vêr qu
negueira, co nome e cara de mico

[illegible]

— É o que não sou feio! Pintam-me por ahí de tauga, como se eu fosse um cabanabaco. Calunhadores! A verdade é que tenho um guapo rapaz, e que tenho no meu corpo o *chic* de apresentar todas as cores. Meus dentes e brancos mais alvo até o negro a minha pele. Assim, por exemplo: se o meu cabelo é crespo, indicando uma raça cruzada com meu rosto é claro como o mais claro dos rostos europeus; se o meu nariz soffrêdo e esborrachadela do socco da natureza no nariz africano, os meus labios são a grossura e a côr vermelha de um labio de um dos mais nobres e magníficos membros d'aquelles gloriosos filhos de Portugal vencedor, Nuno vencedor!

— E apanzar das coisas attractivas, e
então elle desce a rua, sou eu.
Carambas! Mas que demonio me
então para prender o coração d'aque-
negrata?!
Uma risadinha argentina, um pou-
co moladora, ouviu n'essa occasião o h-
marel Brasil, como resposta ás suas
lexões.
Olhando para a porta, viu elle entr-
o. Republica.

— Mas Rosalinda e pequeninas brejeiras pesadas
amam-lhe dois dedos bellissimos rubis. No pe-
to trazia elle um broche *mignon*, do centro
do qual destacava-se, em relevo, curtos e
frescos, microscopico e artistico desenho, repre-
sentando a tomada da Bastilha.

— Batendo no hombro do bacharel Bras-
cas uma moça, ainda sorrindo:

— Então, nada de falta, meu velho? —

— Nada! exclamou elle, com toda a
convicção.

E em seguida :

— Qno diabo têm os Carumbas mais de
eu eu ?

— O barrete ! respondeu ella voltando
para se as costas e indo dengoosamente m-
nar-se ao espelho.

— O barrete ! disse elle. Sempre es-
ta enigmatica resposta ! O barrete... Mi-
nha mãe não quer que eu ponha esse barrete

— ou tua causa corri todas as lojas de roupas e chapéus, à cata do tal barbaresco, e a tudo quanto eu te mostrava, respondias-me sempre com o teu riso de mulher, e com esta impertinente frase: «Não é isso! Chegou a procurar esse barbaresco invisível e fantástico, ora veja aí onde! até nas lojas de calçados não há! E nada! E nada!»

— Procura, meu velho disse D. Raimundo, com uma expressão de desconfiança e de sarcasmo.

— A conquista do meu barbaresco vale bem o sacrifício que fazes para consegui-lo, não é verdade?

— Sim, não é pelo sacrifício, porque eu não quero, por ser a coisa mais absurda, por ter seria eu capaz de dar, ou de não dar, o meu barbaresco a quem se lá! o matto grosso da minha vida, e todas as minhas gerações até minhas netas, Santa Catarina do meu oratório grande que moveu muitos dos meus parentes, e os meus filhos, os meus netos, os meus genhos, o meu venerando S. Paulo

— Da minha especial devoção, todo
o dia, eu, então! Mas a que mezes custou
um barrete, e eu não sei onde arran-
car! — O F é um verdadeiro capreho!
— Será!
— Mas ao menos, por favor, di-
za-me de poder comprar-o? Ainda que cus-
te mil réis, daí-os-hei por esse expositi-
vado!
— O barrete de que falas, não se compra
dependendo ella com tal ou qual solem-
nidade. Adquire-se por ordens mezes, não
pelo dinheiro.
— Mas por que meios?
— Procura!
— Ah! Sempre essa resposta! Ma-
is não poderás dizer-me onde e

— Será!

— Mas ao menos, por favor, diga-me se poderia comprar-o? Ainda que custasse mil réis, daí-os-hei por esse exquisitesco!

— O barrete de que falo, não se compra; responde-lhe com tal ou qual sobrinho. Adquire-se por outros meios; não pelo dinheiro.

— Mas por que meios?

— Procura!

— Ah! Sempre essa resposta! Mas não não poderás dizer-me onde é?

— Mas ao menos, por favor, diz-me se poderás comprar-o ? Ainda que custe milhões, dal-os-hei por esse expositivo acabado !

— O barrete de que falo, não se compra dependo da cor tal ou qual selem a cor. Adquire-se por outros meios ; não pelo dinheiro.

— Mas por que meios ?

— Procura !

— Ah ! Sempre essa resposta ! Mas não poderás dizer-me onde o

— O barrete de que fallo, não se compra
responde ella com tal ou qual solem-
nidade. Adquire-se por outros meios ; não
pelo dinheiro.

— Mas por que meios ?

— Procura !

— Ah ! Sempre essa resposta ! Mas
tão não poderás dizer-me onde

— Mas por que meios ?
— Procura !
— Ah ! Sempre essa resposta ! Mas não não poderás dizer-me onde

— Ah! Sempre essa resposta! Mas não poderás dizer-me onde

não não poderás dizer-me onde

1990

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL

SEMPRE ANTE...

PAGAMENTO ADIANTADO

ESCRITORIO

70 RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 40 RS.

Os artigos enviados á redacção não serão restituídos ainda que não sejam publicados

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Mariani, na typographia da «Gazeta de Notícias», de propriedade do Araújo & Mendes

Tiragem 35,000 exemplares

NUMERO AVULSO 40 RS.

As assignaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de março, junho, setembro ou dezembro

A politica em 1889

III

Não foram os ministros que esconderam o estado do Imperador; não foi o seu medico que entendeu que o Imperador podia governar, assim mesmo, e que chegou a dizer na Europa, que elle não podia mais, ter a villa activa que antes levava, mas que podia governar mais constitucionalmente; não foi só a primeira vez que teve o escrupulo, respeitavel por parte de uma filha, mas tanto menos desculpavel por parte de herdeira do throno de não querer antecipar o seu reinado, que alias não se apresentava sob bom aspecto; foi também a camara dos deputados, que repelliu quasi por unanimidade um deputado republicano, que se lembrou de querer saber da saúde do Imperador, e portanto da regularidade com que funcionava o governo do paiz.

Esta ultima camara da monarchia bem merecia que se lhe fizesse o elogio fúnebre. Foi tudo quanto quizera que ella fosse, fez tudo quanto lhe mandaram fazer. Representante de uns mandados eleitoraes de alarde, occupou-se especialmente em apoiar governos, para obter d'elles para os referidos mandados o seu nome e títulos e condecorações, empregos e tractos, sino para as igrejas e melhoramentos materiais de proveito proprio á custa do sacrificio publico. Apoiou o barão de Cotegipe, escriptorista, e que dizia: «O seu senhor e o seu ministro da situação; depois apoiou com igual dedicação o abolicionismo de Sr. João Alfredo, e se a decaixasse, teria de ser o successor de Sr. Paulino, o Sr. Antonio Prado, o Sr. Correia.

Durante o ministerio Cotegipe, o Sr. Pereira Vianna queria que se mandasse saber se o Imperador ia para a Europa por sua livre vontade, por deliberação sua, se a convalescer, e a camara repelliu o bismarckismo, e deu-se por satisfeito com as explicações que o barão de Cotegipe não lhe queria dar.

Mais tarde, era ministro o Sr. João Alfredo, era ministro também o Sr. Ferreira Vianna, o Sr. Pinheiro, deputado republicano, que sobre o estado do Imperador. A excepção dos tres ou quatro deputados republicanos presentes, todos os demais, os conservadores, amigos do governo, e os liberais em opposição, declararam como um só homem que o Imperador estava sadio e que o doente era o Sr. Pinheiro.

Infortunadamente, o deputado republicano não deu ao debate a solemnidade que lhe merecia que, se era inutil para o parlamento que obedecia a uma senha, seria muito util para o paiz.

O paiz permaneceu em duvida sobre o estado do Imperador, mas habitou-se também a já não contar muito com elle. De vez em quando dizia-se que quem governava era a princeza, ou o conde d'Eu por ella. Foi o conde d'Eu, disse-se, que impoz ao visconde de Ouro Preto os ministros militares e o barão do Loreto; foi feita a sua casa; essa combinação foi feita a ultima hora em Petropolis.

Em relação a princeza, pessoalmente, a suspeita parece não ter fundamento. A excellente senhora, toda entregue a sua devoção, não ama extremadamente pelas bellas artes, e a idolatria que tinha pela bella filha, vivia aliçada do mundo. A sua influencia fez-se sentir, durante a regencia, sobre o Sr. Ferreira Vianna, cujo espirito se casava com o seu, que mandou restaurar a Capella Imperial, restituir ao culto a igreja de S. Joaquim, pouco mais um obice a um melhoramento hygienico ha muito reclamado, e que queria que no Brasil houvesse um cardal, e se reabrissem os conventos.

É possível que da princeza partisse a ideia da entrada do barão de Loreto para o ministerio Ouro Preto, mas não por calculo politico, por dedicação de amizade.

O conde d'Eu, esse meias mais. A Santa e Camphura, por occasião duma epidemia, o viu que a provincia de S. Paulo não sympathizava com elle. Foi ao norte, e teve por companheiro de viagem Silva Jardim, o infatigavel e denodado propagandista, que levou os quatro cantos do paiz a sua palavra ardente em favor da causa da republica. Durante a viagem, o conde d'Eu, fallou em nome da monarchia, esquecido da delicadeza da sua posição, ou avaliando-a mal, tomando uma attitudde que lhe não competia.

É singular o que se deu no Brasil como a princeza e seu esposo. Este nunca foi sympathico a população. Atribuim-se-lhe habitos de excessiva economia, de quasi avareza; achavam affectada a sua affabilidade. No entanto, tinha qualidades. Era intelligente, muito estudioso, muito trabalhador, e um chefe de familia verdadeiramente exemplar, occupando-se muito com a educação dos fillos, sem nunca ter dado a sombra de um escandallo, tão commun entre os principaes. Foi ao Paraguay e cumpriu gallardamente o seu dever. Foi durante o seu commando que

a guerra terminou pela morte de Lopes, e o seu primeiro acto foi aborir a escravidão no paiz venecio.

De volta ao Brasil, desempenhou com actividade os seus cargos de commandante fiscal de artilharia e presidente da commissão de melhoramentos do material de guerra.

Disse-se que sentiu-se magoado pelo ministro da guerra do gabinete Cotegipe, por não o ter consultado, no principio da questão militar, sobre a prisão do coronel Cunha Mattos, que era official de artilharia, e que por isso se retirava para a Europa, para não se envolver na questão, nem por nem contra.

A princeza, em sua primeira regencia, assignou a lei que emancipou o ventre da mulher escrava; mas a população não se libertou de penitencias em igrejas, de perdas dos bispos solicitados por uma ideia supersticiosa. Em 1887, na ultima regencia, ainda elle assistiu á reacção escravista Cotegipe, aos abusos e violencias da policia da capital, á caçada dos pretos em S. Paulo; mas, pouco depois, os pequenos principaes imprimiam o *Correio Imperial* em palacio, com artigos abolicionistas, a princeza promovia a libertação dos escravos em Petropolis, asylo em sua casa os que fugiam dos arredores.

Pouco em guerra aberta com os seus ministros, até que os alijou na primeira regencia, como seu pai nunca o tinha feito, na efferecencia de uma festa, e organizou um ministerio, que quiz, e alijou immediatamente e incondicional, que os seus ministros abolicionistas talvez não se dessem pelo, mas que no entanto era uma unica solução possível, dada o ponto a que tinha chegado a questão.

No dia 13 de maio de 1888 a princeza foi verdadeiramente popular no Rio de Janeiro; recebeu ovacões entusiasticas como o Imperador nunca as tivera. Ruidante de contentamento, não parecia fadado a se deitar no futuro, mas a alegria do povo entrava-lhe no coração.

Pouco tempo, bem pouco tempo depois, não havia d'essa popularidade nem vestigios.

Por um lado dizia-se que a princeza nada fizera, que a questão estava resolvida por si, por outro accusava-se o governo de nada ter feito para suavizar os effeitos da lei.

De facto, principalmente para os lavradores do Rio de Janeiro, até então mal aconselhados, a lei foi desastrosa, por ser brusca, e cahir sobre elles justamente nas vespas de uma colheita extraordinariamente farta, que concorreria para os salvar. A lei aboliu para o simplesmente a escravidão, e nada providenciou. Houve uma explosão de odios, cujo alvo era a princeza. A capital resistiu, sem calor, sem entusiasmo; fallou-se em indemnização, o que nada ajudava, e todas as reformas, todos os melhoramentos ficaram adiados. A capital, em parte perdida, ainda foi obrigada a conjurar uma crise; as circumstancias do paiz eram prosperas, subia o cambio, o nosso credito robaustecia-se na Europa, e o ministerio cruzava os braços e não via subir a onda que o devia tragar.

A propaganda republicana foi accusada de ter explorado a irritação dos fazendeiros. Era um legitimo recurso de guerra, trazer para o campo dos revolucionarios o valioso prestigio de uma classe naturalmente conservadora; mas uma justiça se lhe deve fazer, a propaganda não apoiou a ideia de indemnização, nem os fazendeiros insistiram por ella. A monarchia abandonou-os, elles abandonaram a monarchia. E não promoveram a desordem, cuidaram de trabalhar; a principio, receiosos de que o liberto, ignorante, deixasse mau uso da liberdade; mas as relações dos senhores com os escravos já eram relativamente muito brandas, e estes em sua maioria ficaram nas fazendas, trabalhando menos, um pouco exigentes, mas emfim trabalhando.

Cada fazendeiro teve de cuidar do si, organizar a sua casa conforme os elementos de que dispunha, recorrer ao trabalho por empreitada, á parceria, ao salario, ao estrangeiro. Mudaram-se salutarmente os habitos, reduziram-se as despesas, criou-se amor á terra, ao fructo, á machina, e algum tempo depois os animos estavam fortalecidos na nova lei, um Brasil novo ensaiava os seus primeiros passos.

A prova de que não foi o despeito do fazendeiro, pela lei da abolição, que fez a republica, é que a provincia de S. Paulo, uma das mais republicanas do Brasil, a que melhor e ha mais tempo organizou o partido, fez a propaganda, mandou deputados ao parlamento, manteve imprensa, reuniu congressos, elegeu senadores, juizes de paz, deputados provinciais; essa provincia, diziamos, nada soffreu com a abolição. Tinha-se preparado em tempo, ensaiando o trabalho livre; em 27, por accordo de membros de todos os partidos, libertou todos os seus escravos. Poucos senhores não concordaram, os es-

cravos d'elles fugiram; para que esta forçasse não perdessem, um homem, d'esses que se occasionalmente saltam talizados para as necessidades, Antonio Bento, ia aos escravos fugidos, reunia-os, propunha-lhes o trabalho em outro ponto da provincia, de modo que não houve perda; houve troca de homens, passando os do norte para o sul, já livres, os do leste para oeste, mas ficando todos na provincia, a nivelada com o trabalho.

Quando foi decretada a lei, o que havia a fazer estava feito, a imigração affluia em grande escala, a provincia prosperava a olhos vistos, sem ter dado pela crise, como se a crise alguma se tivesse passado. E isto foi por accordo dos tres partidos, conservador, liberal, republicano, unidos em um só pensamento commum, superior, o bem da patria.

Consta que vai ser nomeado ministro plenipotenciario no Mexico o Dr. Teixeira de Souza.

No tempo da monarchia, houve um subdelegado que declarou em edita estar revogada a constituição do imperio; ao que parece, ha agora autoridades policias que se julgam investidas de poderes excepçoes, que competem ao chefe do Estado.

E o que se deprehende de um telegramma que hontem nos dirigiu o Dr. Jeronymo Macario, advogado na Parahyba do Sul, dizendo que a população está apavorada pelo edita da policia, de 13 d'este mes, que commina prisão e deportação a todos que committam o crime de desacreditar o regimen politico vigente. E acrescenta: «Agora meo circula a noticia de que será preso o Dr. Iuliano Furtado de Mendonça, por ter lido intimado para comparecer perante o delegado de policia e está sendo interrogado ha mais de duas horas. Asseguro que não ha por cá conspiração alguma, e somente odios antigos que querem pretexto para desabafar e perseguir».

Estamos certos que o Sr. ministro da justiça providenciaria como lhe parecer acertado.

Foi nomeado secretario do governador do Maranhão o engenheiro militar Antonio José Vieira Leal.

Por telegramma recebido do Rio, sabe-se que o governo francez concordou com o grau de cavalleiro da Legião de Honra o Sr. Blondel, encarregado de negocios de França nesta republica. A concordancia dada a esse distincto diplomata, nesta occasião, significa a satisfação do governo da grande republica pelo modo criterioso com que tem procedido o Sr. Blondel, mantendo as cordias relações do governo do paiz com o da nascente republica brasileira.

A Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo manda rezar pela morte por alma da ex-imperatriz, D. Theresia Christina Maria.

Encontramos hontem no *Correio do Povo* as seguintes linhas: «A *Gazeta* faz um esparameo medonho porque *o Gil*, do *Novidades*, passou-lhe mel pelos belcos. Ora, o diabo da *Gazeta*, adianta a dar-se no trabalho de transcrever *reclames*... Decididamente, o homem é insuavel... Como verificada que nesta terra só ha dois jornaes bem feitos, modernos, claros, interessantes, e de grande circulação, estimados do publico. Um que diabo! já todos o pereceram: é esse mesmo, é a *Gazeta*. O outro... o outro espero que a *Gazeta* dia amanhã que é...»

Falla-se ali quatro vezes em *Gazeta*. Mas *Gazeta* de que? Qual seria essa rival poderosa, que é um dos poucos dois jornaes bem feitos, modernos, claros, interessantes, e de grande circulação, estimados do publico? Pedimos ao *Correio do Povo* que o declare formalmente, e em compensação desde já diemos ao illustre collega que o outro jornal, tão bom como essa *Gazeta*, é... a *Gazeta* de Notícias.

Foram elevadas a categoria de cidadãos das villas de Sapucaia, Santo Antonio de Padas e Maria.

LOTERIAS

O Sr. governador do Estado do Rio de Janeiro regularizou o serviço das loterias d'aquelle Estado, para serem extinguidas em 31 de dezembro do presente anno, guardando a seguinte ordem: 1.º, 100, Casas de Caridade; 2.º, 41, Instrução Publica; 3.º, 21, Hospitais de S. João Baptista; 4.º, para indenização dos cofres do Estado por indenizamentos feitos; 5.º, 107, Casas de Caridade; 6.º, 42, Instrução Publica; 7.º, 82, Hospitais de S. João Baptista; 8.º, 107, Casas de Caridade; 9.º, 107, Casas de Caridade; 10.º, 107, Casas de Caridade; 11.º, 107, Casas de Caridade; 12.º, 107, Casas de Caridade; 13.º, 107, Casas de Caridade; 14.º, 107, Casas de Caridade; 15.º, 107, Casas de Caridade; 16.º, 107, Casas de Caridade; 17.º, 107, Casas de Caridade; 18.º, 107, Casas de Caridade; 19.º, 107, Casas de Caridade; 20.º, 107, Casas de Caridade; 21.º, 107, Casas de Caridade; 22.º, 107, Casas de Caridade; 23.º, 107, Casas de Caridade; 24.º, 107, Casas de Caridade; 25.º, 107, Casas de Caridade; 26.º, 107, Casas de Caridade; 27.º, 107, Casas de Caridade; 28.º, 107, Casas de Caridade; 29.º, 107, Casas de Caridade; 30.º, 107, Casas de Caridade; 31.º, 107, Casas de Caridade; 32.º, 107, Casas de Caridade; 33.º, 107, Casas de Caridade; 34.º, 107, Casas de Caridade; 35.º, 107, Casas de Caridade; 36.º, 107, Casas de Caridade; 37.º, 107, Casas de Caridade; 38.º, 107, Casas de Caridade; 39.º, 107, Casas de Caridade; 40.º, 107, Casas de Caridade; 41.º, 107, Casas de Caridade; 42.º, 107, Casas de Caridade; 43.º, 107, Casas de Caridade; 44.º, 107, Casas de Caridade; 45.º, 107, Casas de Caridade; 46.º, 107, Casas de Caridade; 47.º, 107, Casas de Caridade; 48.º, 107, Casas de Caridade; 49.º, 107, Casas de Caridade; 50.º, 107, Casas de Caridade; 51.º, 107, Casas de Caridade; 52.º, 107, Casas de Caridade; 53.º, 107, Casas de Caridade; 54.º, 107, Casas de Caridade; 55.º, 107, Casas de Caridade; 56.º, 107, Casas de Caridade; 57.º, 107, Casas de Caridade; 58.º, 107, Casas de Caridade; 59.º, 107, Casas de Caridade; 60.º, 107, Casas de Caridade; 61.º, 107, Casas de Caridade; 62.º, 107, Casas de Caridade; 63.º, 107, Casas de Caridade; 64.º, 107, Casas de Caridade; 65.º, 107, Casas de Caridade; 66.º, 107, Casas de Caridade; 67.º, 107, Casas de Caridade; 68.º, 107, Casas de Caridade; 69.º, 107, Casas de Caridade; 70.º, 107, Casas de Caridade; 71.º, 107, Casas de Caridade; 72.º, 107, Casas de Caridade; 73.º, 107, Casas de Caridade; 74.º, 107, Casas de Caridade; 75.º, 107, Casas de Caridade; 76.º, 107, Casas de Caridade; 77.º, 107, Casas de Caridade; 78.º, 107, Casas de Caridade; 79.º, 107, Casas de Caridade; 80.º, 107, Casas de Caridade; 81.º, 107, Casas de Caridade; 82.º, 107, Casas de Caridade; 83.º, 107, Casas de Caridade; 84.º, 107, Casas de Caridade; 85.º, 107, Casas de Caridade; 86.º, 107, Casas de Caridade; 87.º, 107, Casas de Caridade; 88.º, 107, Casas de Caridade; 89.º, 107, Casas de Caridade; 90.º, 107, Casas de Caridade; 91.º, 107, Casas de Caridade; 92.º, 107, Casas de Caridade; 93.º, 107, Casas de Caridade; 94.º, 107, Casas de Caridade; 95.º, 107, Casas de Caridade; 96.º, 107, Casas de Caridade; 97.º, 107, Casas de Caridade; 98.º, 107, Casas de Caridade; 99.º, 107, Casas de Caridade; 100.º, 107, Casas de Caridade; 101.º, 107, Casas de Caridade; 102.º, 107, Casas de Caridade; 103.º, 107, Casas de Caridade; 104.º, 107, Casas de Caridade; 105.º, 107, Casas de Caridade; 106.º, 107, Casas de Caridade; 107.º, 107, Casas de Caridade; 108.º, 107, Casas de Caridade; 109.º, 107, Casas de Caridade; 110.º, 107, Casas de Caridade; 111.º, 107, Casas de Caridade; 112.º, 107, Casas de Caridade; 113.º, 107, Casas de Caridade; 114.º, 107, Casas de Caridade; 115.º, 107, Casas de Caridade; 116.º, 107, Casas de Caridade; 117.º, 107, Casas de Caridade; 118.º, 107, Casas de Caridade; 119.º, 107, Casas de Caridade; 120.º, 107, Casas de Caridade; 121.º, 107, Casas de Caridade; 122.º, 107, Casas de Caridade; 123.º, 107, Casas de Caridade; 124.º, 107, Casas de Caridade; 125.º, 107, Casas de Caridade; 126.º, 107, Casas de Caridade; 127.º, 107, Casas de Caridade; 128.º, 107, Casas de Caridade; 129.º, 107, Casas de Caridade; 130.º, 107, Casas de Caridade; 131.º, 107, Casas de Caridade; 132.º, 107, Casas de Caridade; 133.º, 107, Casas de Caridade; 134.º, 107, Casas de Caridade; 135.º, 107, Casas de Caridade; 136.º, 107, Casas de Caridade; 137.º, 107, Casas de Caridade; 138.º, 107, Casas de Caridade; 139.º, 107, Casas de Caridade; 140.º, 107, Casas de Caridade; 141.º, 107, Casas de Caridade; 142.º, 107, Casas de Caridade; 143.º, 107, Casas de Caridade; 144.º, 107, Casas de Caridade; 145.º, 107, Casas de Caridade; 146.º, 107, Casas de Caridade; 147.º, 107, Casas de Caridade; 148.º, 107, Casas de Caridade; 149.º, 107, Casas de Caridade; 150.º, 107, Casas de Caridade; 151.º, 107, Casas de Caridade; 152.º, 107, Casas de Caridade; 153.º, 107, Casas de Caridade; 154.º, 107, Casas de Caridade; 155.º, 107, Casas de Caridade; 156.º, 107, Casas de Caridade; 157.º, 107, Casas de Caridade; 158.º, 107, Casas de Caridade; 159.º, 107, Casas de Caridade; 160.º, 107, Casas de Caridade; 161.º, 107, Casas de Caridade; 162.º, 107, Casas de Caridade; 163.º, 107, Casas de Caridade; 164.º, 107, Casas de Caridade; 165.º, 107, Casas de Caridade; 166.º, 107, Casas de Caridade; 167.º, 107, Casas de Caridade; 168.º, 107, Casas de Caridade; 169.º, 107, Casas de Caridade; 170.º, 107, Casas de Caridade; 171.º, 107, Casas de Caridade; 172.º, 107, Casas de Caridade; 173.º, 107, Casas de Caridade; 174.º, 107, Casas de Caridade; 175.º, 107, Casas de Caridade; 176.º, 107, Casas de Caridade; 177.º, 107, Casas de Caridade; 178.º, 107, Casas de Caridade; 179.º, 107, Casas de Caridade; 180.º, 107, Casas de Caridade; 181.º, 107, Casas de Caridade; 182.º, 107, Casas de Caridade; 183.º, 107, Casas de Caridade; 184.º, 107, Casas de Caridade; 185.º, 107, Casas de Caridade; 186.º, 107, Casas de Caridade; 187.º, 107, Casas de Caridade; 188.º, 107, Casas de Caridade; 189.º, 107, Casas de Caridade; 190.º, 107, Casas de Caridade; 191.º, 107, Casas de Caridade; 192.º, 107, Casas de Caridade; 193.º, 107, Casas de Caridade; 194.º, 107, Casas de Caridade; 195.º, 107, Casas de Caridade; 196.º, 107, Casas de Caridade; 197.º, 107, Casas de Caridade; 198.º, 107, Casas de Caridade; 199.º, 107, Casas de Caridade; 200.º, 107, Casas de Caridade; 201.º, 107, Casas de Caridade; 202.º, 107, Casas de Caridade; 203.º, 107, Casas de Caridade; 204.º, 107, Casas de Caridade; 205.º, 107, Casas de Caridade; 206.º, 107, Casas de Caridade; 207.º, 107, Casas de Caridade; 208.º, 107, Casas de Caridade; 209.º, 107, Casas de Caridade; 210.º, 107, Casas de Caridade; 211.º, 107, Casas de Caridade; 212.º, 107, Casas de Caridade; 213.º, 107, Casas de Caridade; 214.º, 107, Casas de Caridade; 215.º, 107, Casas de Caridade; 216.º, 107, Casas de Caridade; 217.º, 107, Casas de Caridade; 218.º, 107, Casas de Caridade; 219.º, 107, Casas de Caridade; 220.º, 107, Casas de Caridade; 221.º, 107, Casas de Caridade; 222.º, 107, Casas de Caridade; 223.º, 107, Casas de Caridade; 224.º, 107, Casas de Caridade; 225.º, 107, Casas de Caridade; 226.º, 107, Casas de Caridade; 227.º, 107, Casas de Caridade; 228.º, 107, Casas de Caridade; 229.º, 107, Casas de Caridade; 230.º, 107, Casas de Caridade; 231.º, 107, Casas de Caridade; 232.º, 107, Casas de Caridade; 233.º, 107, Casas de Caridade; 234.º, 107, Casas de Caridade; 235.º, 107, Casas de Caridade; 236.º, 107, Casas de Caridade; 237.º, 107, Casas de Caridade; 238.º, 107, Casas de Caridade; 239.º, 107, Casas de Caridade; 240.º, 107, Casas de Caridade; 241.º, 107, Casas de Caridade; 242.º, 107, Casas de Caridade; 243.º, 107, Casas de Caridade; 244.º, 107, Casas de Caridade; 245.º, 107, Casas de Caridade; 246.º, 107, Casas de Caridade; 247.º, 107, Casas de Caridade; 248.º, 107, Casas de Caridade; 249.º, 107, Casas de Caridade; 250.º, 107, Casas de Caridade; 251.º, 107, Casas de Caridade; 252.º, 107, Casas de Caridade; 253.º, 107, Casas de Caridade; 254.º, 107, Casas de Caridade; 255.º, 107, Casas de Caridade; 256.º, 107, Casas de Caridade; 257.º, 107, Casas de Caridade; 258.º, 107, Casas de Caridade; 259.º, 107, Casas de Caridade; 260.º, 107, Casas de Caridade; 261.º, 107, Casas de Caridade; 262.º, 107, Casas de Caridade; 263.º, 107, Casas de Caridade; 264.º, 107, Casas de Caridade; 265.º, 107, Casas de Caridade; 266.º, 107, Casas de Caridade; 267.º, 107, Casas de Caridade; 268.º, 107, Casas de Caridade; 269.º, 107, Casas de Caridade; 270.º, 107, Casas de Caridade; 271.º, 107, Casas de Caridade; 272.º, 107, Casas de Caridade; 273.º, 107, Casas de Caridade; 274.º, 107, Casas de Caridade; 275.º, 107, Casas de Caridade; 276.º, 107, Casas de Caridade; 277.º, 107, Casas de Caridade; 278.º, 107, Casas de Caridade; 279.º, 107, Casas de Caridade; 280.º, 107, Casas de Caridade; 281.º, 107, Casas de Caridade; 282.º, 107, Casas de Caridade; 283.º, 107, Casas de Caridade; 284.º, 107, Casas de Caridade; 285.º, 107, Casas de Caridade; 286.º, 107, Casas de Caridade; 287.º, 107, Casas de Caridade; 288.º, 107, Casas de Caridade; 289.º, 107, Casas de Caridade; 290.º, 107, Casas de Caridade; 291.º, 107, Casas de Caridade; 292.º, 107, Casas de Caridade; 293.º, 107, Casas de Caridade; 294.º, 107, Casas de Caridade; 295.º, 107, Casas de Caridade; 296.º, 107, Casas de Caridade; 297.º, 107, Casas de Caridade; 298.º, 107, Casas de Caridade; 299.º, 107, Casas de Caridade; 300.º, 107, Casas de Caridade; 301.º, 107, Casas de Caridade; 302.º, 107, Casas de Caridade; 303.º, 107, Casas de Caridade; 304.º, 107, Casas de Caridade; 305.º, 107, Casas de Caridade; 306.º, 107, Casas de Caridade; 307.º, 107, Casas de Caridade; 308.º, 107, Casas de Caridade; 309.º, 107, Casas de Caridade; 310.º, 107, Casas de Caridade; 311.º, 107, Casas de Caridade; 312.º, 107, Casas de Caridade; 313.º, 107, Casas de Caridade; 314.º, 107, Casas de Caridade; 315.º, 107, Casas de Caridade; 316.º, 107, Casas de Caridade; 317.º, 107, Casas de Caridade; 318.º, 107, Casas de Caridade; 319.º, 107, Casas de Caridade; 320.º, 107, Casas de Caridade; 321.º, 107, Casas de Caridade; 322.º, 107, Casas de Caridade; 323.º, 107, Casas de Caridade; 324.º, 107, Casas de Caridade; 325.º, 107, Casas de Caridade; 326.º, 107, Casas de Caridade; 327.º, 107, Casas de Caridade; 328.º, 107, Casas de Caridade; 329.º, 107, Casas de Caridade; 330.º, 107, Casas de Caridade; 331.º, 107, Casas de Caridade; 332.º, 107, Casas de Caridade; 333.º, 107, Casas de Caridade; 334.º, 107, Casas de Caridade; 335.º, 107, Casas de Caridade; 336.º, 107, Casas de Caridade; 337.º, 107, Casas de Caridade; 338.º, 107, Casas de Caridade; 339.º, 107, Casas de Caridade; 340.º, 107, Casas de Caridade; 341.º, 107, Casas de Caridade; 342.º, 107, Casas de Caridade; 343.º, 107, Casas de Caridade; 344.º, 107, Casas de Caridade; 345.º, 107, Casas de Caridade; 346.º, 107, Casas de Caridade; 347.º, 107, Casas de Caridade; 348.º, 107, Casas de Caridade; 349.º, 107, Casas de Caridade; 350.º, 107, Casas de Caridade; 351.º, 107, Casas de Caridade; 352.º, 107, Casas de Caridade; 353.º, 107, Casas de Caridade; 354.º, 107, Casas de Caridade; 355.º, 107, Casas de Caridade; 356.º, 107, Casas de Caridade; 357.º, 107, Casas de Caridade; 358.º, 107, Casas de Caridade; 359.º, 107, Casas de Caridade; 360.º, 107, Casas de Caridade; 361.º, 107, Casas de Caridade; 362.º, 107, Casas de Caridade; 363.º, 107, Casas de Caridade; 364.º, 107, Casas de Caridade; 365.º, 107, Casas de Caridade; 366.º, 107, Casas de Caridade; 367.º, 107, Casas de Caridade; 368.º, 107, Casas de Caridade; 369.º, 107, Casas de Caridade; 370.º, 107, Casas de Caridade; 371.º, 107, Casas de Caridade; 372.º, 107, Casas de Caridade; 373.º, 107, Casas de Caridade; 374.º, 107, Casas de Caridade; 375.º, 107, Casas de Caridade; 376.º, 107, Casas de Caridade; 377.º, 107, Casas de Caridade; 378.º, 107, Casas de Caridade; 379.º, 107, Casas de Caridade; 380.º, 107, Casas de Caridade; 381.º, 107, Casas de Caridade; 382.º, 107, Casas de Caridade; 383.º, 107, Casas de Caridade; 384.º, 107, Casas de Caridade; 385.º, 107, Casas de Caridade; 386.º, 107, Casas de Caridade; 387.º, 107, Casas de Caridade; 388.º, 107, Casas de Caridade; 389.º, 107, Casas de Caridade; 390.º, 107, Casas de Caridade; 391.º, 107, Casas de Caridade; 392.º, 107, Casas de Caridade; 393.º, 107, Casas de Caridade; 394.º, 107, Casas de Caridade; 395.º, 107, Casas de Caridade; 396.º, 107, Casas de Caridade; 397.º, 107, Casas de Caridade; 398.º, 107, Casas de Caridade; 399.º, 107, Casas de Caridade; 400.º, 107, Casas de Caridade; 401.º, 107, Casas de Caridade; 402.º, 107, Casas de Caridade; 403.º, 107, Casas de Caridade; 404.º, 107, Casas de Caridade; 405.º, 107, Casas de Caridade; 406.º, 107, Casas de Caridade; 407.º, 107, Casas de Caridade; 408.º, 107, Casas de Caridade; 409.º, 107, Casas de Caridade; 410.º, 107, Casas de Caridade; 411.º, 107, Casas de Caridade; 412.º, 107, Casas de Caridade; 413.º, 107, Casas de Caridade; 414.º, 107, Casas de Caridade; 415.º, 107, Casas de Caridade; 416.º, 107, Casas de Caridade; 417.º, 107, Casas de Caridade; 418.º, 107, Casas de Caridade; 419.º, 107, Casas de Caridade; 420.º, 107, Casas de Caridade; 421.º, 107, Casas de Caridade; 422.º, 107, Casas de Caridade; 423.º, 107, Casas de Caridade; 424.º, 107, Casas de Caridade; 425.º, 107, Casas de Caridade; 426.º, 107, Casas de Caridade; 427.º, 107, Casas de Caridade; 428.º, 107, Casas de Caridade; 429.º, 107, Casas de Caridade; 430.º,

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL

SEMPRE ANTE...

PAGAMENTO ADIANTADO

ESCRITORIO

70 RUA DO OUVIDOR 70

NUMERO AVULSO 40 RS.

Os artigos enviados á redacção não serão restituídos ainda que não sejam publicados

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marilioni, na typographia da «Gazeta de Noticias», de propriedade de Araujo & Meudes

Tiragem 35,000 exemplares

ASSIGNATURAS PARA OS ESTADOS

SEMPRE ANTE...

PAGAMENTO ADIANTADO

TYPOGRAPHIA

72 RUA SETE DE SETEMBRO 72

NUMERO AVULSO 40 RS.

As assignaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de março, junho, setembro ou dezembro

A GAZETA DE NOTÍCIAS

recebe qualquer commu-

cação de interesse publico

que lhe sejam enviadas

Depois das 10 horas da noite,

todas as communicações ver-

baes ou por escripto, telepho-

nias ou telegraphicas, po-

dem ser dirigidas para a typog-

raphia da Gazeta, rua Sete de

Setembro n. 72.

Telephone n. 23 para a rua

do Ouvidor n. 70, e n. 547 para

a rua Sete de Setembro.

A Europa em 1889

Felizes os povos, diz o dictado, felizes os

povos que não têm história!

Se o dictado não mente, nunca houve

no mundo anno mais ditoso do que este,

em que falta absolutamente a Europa

a materia prima da historia. Nem um

unico desses acontecimentos capitais e

decisivos que marcam na vida dos povos

os estadios da sua existencia, e que de-

terminam para o futuro largo problema a

raminar, sulcando fundo no mar do

tempo um rego em cujas bordas espaa-

da a espuma dispersando a memoria!

Foi o anno mais inosso, mais indeciso,

mais incoherente do que a lembrança.

Por isso mesmo é mais espinhosa a

missão do chronista e mais difficil de

cumprir o seu dever. Quando a materia

abunda e os casos suggestivos se atrop-

elham, a imaginação embriaga-se e a

penna doell corra sobre o papel. Ha idéas,

ha phrases. Mas quando o assumpto é

mudo esta obrigação torna-se dura de

cumprir.

Porque, sinceramente, ás vezes ainda o

tempo, se nos não dá casis substancial-

mente importantes, di-nos casos pittorescos

ou spectaculosos. Falta a vida, mas abunda

a parra. Isto anno, porém, nem parra—

a não ser a expozição de Paris, que é to-

davia um assumpto esgotado, por ser visto

e sabido por toda a gente que foi o anno

os cantos do mundo tomar parte n'essa

feira e n'esse brodio internacional.

Além de que, a expozição de Paris não

entra propriamente na ordem dos factos

políticos, embora roce por elles. Os factos

políticos basilares ou fundametaes que

agitam a Europa são dois.

No Oriente, para além da Alemanha,

a começar com a Austria, é o problema

da partilha e da herança do imperio

turco, liquidado final da ultima onda de

invasões asiaticas sobre a Europa, inci-

piadas em periodos historicos com as em-

presas das peras contra a velha Grecia.

Esse problema implica o do equilibrio das

forças internacionais em toda a Europa,

e por isso importa a toda ella, impor-

tando mais directamente a Russia e a

Austria, que entre si disputam a hege-

monia dos povos balkanicos, e a Inglaterra

que impéra sobre o mundo musulmano

da India e agora do Egypto. Cada vez

parece mais certo que a primeira grande

guerra europea procederá dos episodios

que a queda definitiva do imperio turco

ha de acabar determinar.

No Occidente, entre as nações mais ou

menos democraticas, quer sejam repu-

blicas ou não, a França, quer monarchias

quasi republicanas como a Italia ou a

Inglaterra, a questão essencial não é po-

lítica.

O problema das fórmulas de governo de-

seio de preoccupar os espiritos de hoje

se entrou n'aquelle periodo já definido por

Aristoteles em que as questões sociaes,

leto e a disputa do bem entre a e a riqueza

predominam entre plebes miseraveis e

classes medias, levadas por um capitalismo

tantas vezes desenfreado.

Estas duas faces do problema politico

europeu, estas faces a que vão juntar-se

subsidiariamente as questões mais ou

menos transitorias, como o rivalidade no

expansão colonial, a inimidade da França

e da Alemanha, da França e da Italia,

e da Alemanha, da França e da Italia,

e da Alemanha, da França e da Italia,

MINISTERIO PORTUGUEZ

Lisboa, 14 (a tarde)

El-rei D. Carlos I acaba de acceptar o

seguinte ministerio, formado sob a presi-

dencia do conselheiro A. de Serpa Pin-

tel, que occupa a pasta do Reino, e in-

ternamente a da guerra:

J. F. Franco P. de Castello Branco,

deputado, ministro da fazenda.

Dr. E. R. Hintz Ribeiro, negocios es-

trangeiros.

Lopo Vaz de Sampaio e Mello, depu-

tado, Justiça.

João M. Arroyo, deputado, marinha e

ultramar.

Frederico de Gusmão Corrêa Aroux,

deputado, obras publicas, commercio e

industria.

(Agencia Havas.)

Consta que brevemente será assignado

o decreto secularizando os cemiterios, que

terá por bases o projecto confeccionado

por Sr. Saldanha Marinho.

Consta que está indigitado para chefe

de policia do Estado do Rio de Janeiro o

capitão de mar e guerra Frederico Gu-

ilherme Lorenza.

Consta que o Dr. Paulo Torres foi con-

vidado a optar pelos vencimentos da

apostentadoria que lhe foi concedida, no

cargo de director da fazenda do Estado

do Rio de Janeiro, ou pelos emolumentos

da serventia de officio do registro de hy-

pothecas, para que que foi nomeado.

FOI LYNCHADO

Juiz de Fora, 14

Entre Alfredo Rodrigues da Costa e

João Francisco houve uma pequena

desavença, por questões de troco de di-

nheiro, em Sant'Anna do Deserto, do es-

tado municipal. Deu-se a occorrença no sab-

ado meio dia, entre as estações do

Sociego e Silveira Lobo.

Na noite do sabado, João Francisco foi

prevaricar Costa, que dormia, e, depois

da pequena discussão, foi este morto por

aquele com uma facada.

O subdelegado do districto conseguiu

prender o criminoso.

O povo da localidade, indignado com

o procedimento do assassino, intimou a

autoridade a fazer entrega do preso.

Uma vez no meio do povo, foi João Francisco

Francisco morto a pauladas, facadas e

tiros.

Para o logar em que se deu o crime,

seguiu o delegado de policia com uma

força.

A cidade está policiada pela guarda ci-

vil.

Sito horroroso as noticias vindas do

logar do crime.

(Gazeta de Noticias.)

Foram agraciados com a gran-cruz da

ordem do Cruzeiro os Srs.: Juarez Cel-

man, presidente da republica Argentina;

Balmaceda, presidente da republica do

Chile; e general Yáñez, presidente da re-

publica do Uruguay.

O Sr. Dr. Ewbank da Camara resti-

tuído honra ao general Deodoro o pa-

receer da commissão encarregada pelo Sr.

ministro da agricultura de estudar a es-

cripção e mais documentos relativos

a administração d'aquelle engenheiro na

estação de ferro Central do Brasil.

Consta-nos que vai ser nomeado go-

vernador do Estado do Espirito Santo

o Sr. Dr. Joaquim Xavier da Silveira

Junior.

Foi nomeado comandante da flotilha

do Alto Uruguay o capitão de fragata

Quintino José da Costa.

A conferencia ministerial começou ho-

je a 1 hora e terminou ás 5 1/2 da

tarde. Não compareceu o Sr. ministro

da fazenda.

Foi noticia que hontem demor, da ma-

nifestação ao Sr. general Deodoro, que se

realiza hoje, temos a acrescentar o se-

A CATÁ DE UM BARRETE

Romance-revista comica fantastica, arranjada

de pé para a mão, pelo Zé Daniel,

e illuminada de mão para o pé, pelo Hestey

X

DE COMO O BACHELLE BRASILEIRO CREGOU A

SABER QUE UMA RALA PERDIDA É UMA

OCCASIAO ACADIDA, E DO MAIS QUE EM

ESTE CAPITULO SE CONTECE.

No dia seguinte, logo pela manhã,

drigu-se o bacharel Brasil, com a sua

inseparavel companheira D. Troça, para

o largo do Rio, onde encontrout alguns

sujeitos empoleirados nas arvores do

jardim.

— Que fazem aqueles homens alli

trepados? perguntou o bacharel.

— São agentes de policia, respondeu

D. Troça, que procuram uma bala perdi-

da.

— Que ramos das arvores?!

— Sim. E' a tal bala, sahindo

do cano de um revolver apontado contra

o carro imperial, desapareceu como por

encanto; e mais interessante é que essa

bala foi assilar-se na propria secretaria

da policia.

— Ora essa! exclamou espantado o

bacharel. Pois logo na secretaria da

policia! E' o cumulo da petulancia!

Que atrevida bala! Mas como a pro-

curam isso?

— Ah! isso é para disfarçar! Elles

bem sabem que não a encontrarão! Mas

ahi vem uma autoridade... Silêncio!

— Ora adeus! disse em voz alta o

bacharel. Que tenho eu com isso? Bu-

cá por mim não ando á cata de balas,

mas do barrete que me ha de as-

segurar a posse da minha querida D.

Republica!

— Está preso! bradon em voz sten-

torica a autoridade que se havia apor-

ximado dos dois.

— Eu preso! disse o bacharel, admirado

Ora faça-me o favor de dizer por que?

— Por causa do nome abominavel que

acabou de pronunciar! afirmou a au-

toridade.

— Que nome? perguntou timidamente

o bacharel. Eu apenas falei em D. Re...

— Não acabei gritou com arrogancia a

autoridade. Não sabe então que acaba-

mos de prohibir que se pronuncie se-

melhante nome?

— Não sei, afirmou. Mas devo dizer-lhe,

ponderou o bacharel, que é muito mi-

nha amiga essa de quem falei, a minha e

gentil D. Re...

— Basta! disse a autoridade. Como

não conhece ainda a terminante pro-

hibição, não o levarei preso. Mas o que

se repete o nome d'essa Re... prohibida,

lá irá para onde pague o estrovinamento!

E a autoridade, sem esperar resposta,

volveu gravemente as costas ao bacharel,

e foi-se.

— Não precisei! murmurou este, um

pouco atoleirado.

— Entretanto é muito simples, disse

D. Troça. E' isso, nem mais, nem menos,

o effeito da bala perdida.

— Cada vez percebo menos!

— Ouve-me. A bala sahida do cano do

revolver, e foi dar um giro até a secre-

taria de policia. Encontrou-a o chefe

sobre a mesa, e, depois de miral-a atenta-

mente, bateu na testa, e exclamou: —

Não é uma bala! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

— Não é uma occasião! É uma occasião!

PORTUGAL E INGLATERRA

QUESTÃO AFRICANA

Lisboa, 14

Não se deu desordem alguma desde

hontem; os animos estão mais calmos.

(Havas.)

Em nenhum litigio internacional mo-

derno a opinião geral da Europa se tem

manifestado com tanta unanimidade a

favor de uma das partes litigantes, como

agora a favor de Portugal no incidente

diplomatico com a Inglaterra, a proposito

do paiz dos Makololos, ao sul do Zambéze,

e dos paizes ao norte d'este rio, e sobre

tudo do districto do Zumbo.

Entre os jornaes europeos que mais se

têm occupado com este assumpto, desta-

ca-se a *Independence Belge*, a qual na sua

revista politica afirma que a questão da

resurreição do antigo imperio colonial

portuguez representa hoje alguma coisa

mais do que a aspiração de um reinado

ou o pensamento de um governo, porque

n'ella se reflecte uma especie de senti-

mento popular, um despertar de ambi-

ção nacional, que leva os portuguezes

NUMERO AVULSO 40 RS

[illegible]

ASSIGNATURAS PARA A CAPITAL
Semi-est. 12\$000
Anno. 24\$000
TACAMENTO ADIANTADO
ESCRITORIO
70 RUA DO OUIDOR 70

NUMERO AVULSO 40 RS.

Os artigos enviados á redacção não serão restituídos ainda que não sejam publicados

Stereotypada e impressa nas machinas rotativas de Marlinoni, na typographia da «Gazeta de Noticias», de propriedade de Araujo & Mendes

Tiragem 35.000 exemplares

NUMERO AVULSO 40 RS.

As assignaturas comecam em qualquer dia e terminam em fim de março, junho, setembro ou dezembro

A GAZETA DE NOTÍCIAS

recebe qualquer commu-

cação de interesse publico

que sejam enviadas.

Depois das 10 horas da noite,

todas as communicações,

havendo ou por escripto, telepho-

nicas ou telegraphicas, po-

dem ser dirigidas para a typog-

raphia da «Gazeta de Noticias»,

na rua Sete de Setembro n. 72.

Telephone n. 43 para a rua

do Ouidor n. 70, e n. 517 para

a rua Sete de Setembro.

A Europa em 1889

Depois Constans, vindo o ex-líder cora-

lha a audacia, dissolvendo a liga, proce-

dendo os logares tenentes, resolveu-se a

mister em processo o proprio chefe, Boul-

anger em pessoa.

Eo general que por falta de audacia

ou de força, o general aclamado e in-

chou como um balão de vento, que não

pudera ou não soubera firmar-se no chão

molevel da gloriola popular, fugiu para

a Bélgica, com modo do processo (abril, 2).

Pervante esta hegría boulangista, ainda

muitos ficaram esperando acontecimentos

novos que outra vez trouxessem á super-

fície o homem que se afozava. A popula-

ridade tinha sido sempre tão cêntrica

para com elle! Tantas crises tinha atri-

passado! A sua estrella parecia a muitos

fatal; e repetiam-se a aproximação com

os Napoleões, sem se lembrarem, porém,

de que nos Napoleões havia o sangue

italiano que é politico, ao passo que em

Boulangier não podia ver-se mais do que

a phylonomia do caracter gaule, no que

se tem de mais insister.

Boulangier fugia, Constans ganhava co-

ragem. Quasi ao mesmo tempo (4 de

abril) os processos da liga dos patrio-

tas eram absolvidos e o senado se consti-

tuou em tribunal supremo. E dias de

general e os seus complices. E dias de

acesso, Boulangier, Dillon, Ro-

chefort, tinham da partir do Bruxelas

para Londres, alongando-se no exílio

(31 de abril).

Em junho houve ainda tumultos em

Angoulême. Deroulé, Laisant e La-

guier foram vidos por vres e outra

vez absolvidos; mas em julho (13) Bou-

republica, mas um governo em que o

princípio da autoridade moral e social

não é, quando a elles, suficientemente

defendidos, se encontram num estado de

oposição mais ou menos latente. O se-

gundo é o dos que, applaudindo as su-

cessivas derrotas do principio da auto-

ridade, reclamam ainda uma affirmação,

maior ou menor, das idéas de anarcho-

ismo, até o limite extremo da negação total

da idea de estado: sem serem opposi-

tes, estes não são (ao pouco maioria); e aplau-

dim a republica sob condição de ella se

mostrar progressiva ao sentido do jacobin-

ismo. O terceiro, finalmente, é o dos

homens praticos, preocupados sobretudo

com os interesses economicos, em pri-

meiro lugar com os interesses proprios

e depois com os da riqueza nacional, con-

siderando como somma das fortunas per-

soas d'elles, indifferentes ás questões de

ordem moral, extranhos aos problemas

juridicos, surdos completamente ao dou-

trinário antigo e ao jacobinismo, que é

a sua antithese, vendo apenas na au-

toridade do principio da ordem material

sem nenhuma outra preocupação theorica.

São estes os opportunistas, que porven-

ta constituem a maioria das vontades

individuais em França.

A feição dos tempos que atravessamos

dá-lhes com effeito a primazia, mas não,

em França, uma primazia tão dominante

que possa resistir aos choques lateraes do

espírito conservador de uma banda e do

espírito jacobino da outra. O opportu-

nismo baqueia inevitavelmente sempre

que n'um momento ou noutro as circum-

stancias levam a direita e a esquerda a

apertarem as mãos. Foi o que succedeu

com a queda do governo de Ferry, esse

homem cujo pulso e habilidade consegu-

iu por tempo enfiar a numero de me-

didas necessarias para constituir uma

maioria de governo, mas cuja derrota,

o ministro diz-se que consagra «prin-

cípios legaes».

Outra vez, em vista da impossibi-

lidade de se fazer a nova organização en-

tre as duas idéas de anarchoismo e de

preferencias que lhe concede, o por-
tugal que perguntamos, e ainda ninguem

nos fez o favor de dar essa informação, se

a isenção de direitos se estende tam-

bém a materia prima para as indus trias que

a importam.

Responde o collega citando leis que

concedem isenções e vantagens a diversas

empresas, e n'as não ver a differença

entre essas leis e o decreto recente. Por

essas leis procurou-se estimular o desen-

volvimento material do país, concedendo

favores a quem introduzisse um melhora-

mento, uma innovação, mas marcando

determinadamente a zona de acção da

empresa, de modo que o individuo A só

recebia favores em relação ao projecto

que tinha estudado, sem impedir que o

individuo B fizesse o mesmo ou outra

coisa a um só estabelecimento preferen-

cial para tudo, para o que inventar, para

que introduzir, para o que innovar, e para

fazer concorrência aquillo que está fei-

to, e para chegar com o seu decreto ao

lado de quem estudasse o traçado de uma

estrada, a exploração de uma mina, de

quem já montou uma fabrica ou um en-

genho central, e ter preferencia sobre

elle, em igualdade de condições, diz o

decreto, como se houvesse igualdade

possivel de condições entre um capitalista,

só dispõe dos seus recursos, e um banco

que com apenas noventa contos de réis

pode comprar apolices no valor nominal

de cem contos, emitindo sobre ellas com

contos em dinheiro, que faz render na

sua carteira commercial, ir recebendo

cinco contos por anno dos juros das suas

apolices, guardando tres definitivamente

para si, e podendo com os outros dois

garantir juros a trinta ou quarenta con-

tos de lettras hypothecarias, que tem a

faculdade de emitir sobre a hypotheca do

valor da terra que o governo lhe dá de

gracia. Não acha o collega essa igualdade

de condições muito parecida com aquella

liberdade bancaria do que fallamos ha

pouco?

E cá ficamos a espera que o collega

cumpra a sua promessa de provar que

Leroy Baulieu tem com seus trabalhos

superior a de um vasto arsenal de

armas para a defesa de todos os systemas

e que as apolices do eminente economista

sobre a nossa situação economica o fi-

nancieira, não ha muito o vimos, não

brilham pela correção nem pela verdade».

Sabemos o collega que temos dado re-

plicas provas, e não de hoje, do quanto

prezamos ao illustre cidadão que dirige a

pasta da fazenda, o espirito superior, a

solidissima instrução, o entranhado amor

ao trabalho e inextinguível dedicação á

causa publica; mas o seu decreto foi, não

só para nós, uma surpresa dolorosa.

Para usarmos do direito de emissão, pen-

samos que S. Ex. se encaminhasse para

uma unidade bancaria, recorrendo para isso

talvez a uma combinação com que fizesse

um estabelecimento, que S. Ex. em seus

artigos no *Diário de Noticias* apontava,

com razão e justiça, como mercedor da

gratidão nacional e do respeito de todos

quos conhecem a solidão do seu se-

cours; mas tarde, quando publicou o

seu relatório sobre o estado do Theouro,

percebemos que S. Ex. julgava preferir

a missão sobre base de apolices; do

mesmo modo pensou muita gente,

e propomos citar o nome do habilis-

simo redactor do *Rio News*, um jorna-

lista que faz honra á imprensa, e que

applaudiu essa tendencia do espirito do

ministro; mas nem nós, nem o

nosso illustre collega do *Rio News*, nem

ninguém, supparamos que S. Ex.

pretendia innovar tanto na materia, dando

a um banco de emissão sobre base de

apolices um monopólio, de que não ha

noticia em parte alguma do mundo, e

fazendo d'esse banco, que tem de ser o

regulador da circulação, ao mesmo tempo

banco de credito real, empresa de coloni-

zação, empreiteira de estradas do ferro,

negociante industrial e tudo o mais que

quizer.

Contra este ataque aos principios pro-

tectados e protestamos contra esta grave

violação dos direitos de terceiros, e o

fazemos com tanto maior convicção, por

sentirmos durissimo lado, manifestando-se

de um modo inequivoco, a maioria da

opinião, quasi a unanimidade d'ella.

D. PEDRO DE ALCANTARA

Diz uma folha de Paris que o duque

de Anhalt effectou um lance offerecer

hospedagem no castello de Chantilly;

acrescenta que D. Pedro accellou, e que

brevemente irá passar um mez com seu

illustre collega do Instituto.

As inspeções dos arsenaes de marinha

e capitães dos portos dirigiu o

respeetivo ministro á seguinte circular:

«Não tendo sido ainda ministrados os

esclarecimentos exigidos pela circular

n. 128 de 10 de setembro de 1889, acerca

dos proprios nacionaes pertencentes ao

ministerio da marinha, cumpre que,

urgente, presteis exactas e breves infor-

mações á seguinte pergunta: «Quantos

existem no territorio de vossa juris-

dição, e de vossa solicitude que não

abreiros seculares a reparar, retardando

a remessa de tão importante trabalho,

indispensavel á boa administração do

serviço publico e á regular execução do

art. 17 da lei n. 3396 de 24 de novembro

de 1888.»

Foi nomeado engenheiro fiscal da com-

panhia Agricola Manufatureira da Ra-

ma, o Sr. Dr. Manuel Augusto Teixeira.

O chefe do governo provisório, tendo

em consideração o que ao ministro da

justiça retransmitiu em officio n. 38 de 14

do corrente o coronel comandante geral

do regimento policial da capital federal a

respeito da alta conveniencia de ser alle-

vado o actual uniforme dos respectivos

officiaes e praças, o qual não é adequa-

do ao peso superior a cargo do mesmo re-

gimento, e ponderando que das alterações

propostas não resulta acrescimo de des-

pesa, resolveu, approvando o plano que

para os uniformes d'aquelles officiaes e

praças foi apresentado pelo seu coman-

dante geral com o cildado officio, que desde

já se adoptou á fôrça em vigor no dito

regulamento o referido plano de unifor-

mes, que está publicado no *Diário Official*

de hontem.

Foi nomeado engenheiro fiscal da em-

presa de dessecamento dos pantanos que

circula na bahia do Rio de Janeiro, o

valle do rio Guandu e seus tributarios,

o Sr. Dr. Theophilo de Almeida.

O director geral dos correios nomeou

o chefe de secção João Antonio Viana,

3.º official José Dias de Mello, o 3.º José

Candido Mesquita Soares e o fl. do the-

soureiro Francisco de Paula Oliveira e

Silva para em commissão d'irem ban-

do.

O Sr. Carlo Fabricatore, distincto es-

critor, correspondente n'esta capital de

mais de um jornal da Italia, acaba de

publicar em italiano um livro destinado

a fazer conhecer, em seu país, o modo

de se organizarem no Brasil a Repu-

blica. Além da relação dos factos, contém

o livro numero de interessantes docu-

mentos.

E' um bom servico que ficamos devidos

ao intelligente escriptor.

Consta que serão nomeados agentes fis-

caes do alistamento eleitoral, nos se-

guientes Estados:

Pará, Dr. Pedro Chermont.

Maranhão, Dr. Ribeiro da Cunha.

Pernambuco, Carlos Falcão.

Ceará, Dr. Barbosa Lima.

Rio Grande do Sul, Dr. Ricardo Bre-

naut.

Santa Catharina, Dr. Nunes Pires.

S. Paulo, Dr. A. Guayanaz.

Rio de Janeiro, Dr. Francisco San-

tiago.

Bahia, Decelciano Ramos.

Consta que também haverá fiscaes mu-

nicipaes.

O orçamento approved para as des-

pesas d'esta commissão é de 300.000\$000.

PADRASTO... E AMANTE

Narramos hontem a hedionda historia

de uma pobre menina que, segundo as

suas proprias declarações, havia sido vi-

oluntaria por seu padraastro, que a espan-

cava e não prestava-se á continen-

cia d'aquellas relações infantis e mon-

struosas.